Influência da literatura brasileira na literatura angolana

The influence of Brazilian literature on the Angolan literature

Anabela Cunha

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ras/1227>

DOI: 10.4000/ras.1227

ISSN: 2312-5195

Editora

Sociedade Angolana de Sociologia

Edição impressa

Data de publicação: 1 junho 2011

Paginação: 129-140

ISSN: 1646-9860

Refêrencia eletrónica

Anabela Cunha, « Influência da literatura brasileira na literatura angolana », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 7 | 2011, posto online no dia 13 outubro 2016, consultado no dia 10 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/ras/1227> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/ras.1227>

Este documento foi criado de forma automática no dia 10 dezembro 2020.

© SASO

Influência da literatura brasileira na literatura angolana

The influence of Brazilian literature on the Angolan literature

Anabela Cunha

EDITOR'S NOTE

Recepção do artigo: 28 de Abril de 2011

Enviado para avaliação: 30/Abril/2011

Recepção da avaliação: 5 e 12/Maio/2011

Recebido após correcções: 22/Maio/2011

Aceite para publicação: 19/Junho/2011

Origem da literatura em Angola

- ¹ Foi na primeira metade do século XIX que surgiram as primeiras publicações “angolanas” que proporcionaram as condições necessárias para a manifestação do fenómeno literário que teria lugar em Angola durante os últimos anos do século XIX. Uma das publicações pertencentes a este período é o livro de poemas de José da Silva Maia Ferreira, *Espondaneidades da Minha Alma*, que foi impresso em Luanda em 1849 e possivelmente constitui até hoje o primeiro volume de poemas publicados em todos os países africanos de língua oficial portuguesa [cf. Ervedosa 1979].
- ² José da Silva Maia Ferreira é, sem sombra de dúvida, elemento importante no estudo do surgimento da literatura em Angola. Ele foi o primeiro poeta “angolano” a publicar uma obra lírica em verso e, ao mesmo tempo, a primeira obra impressa em Angola. Segundo alguns autores, as obras de Maia Ferreira constituem o ponto de partida do estudo e desenvolvimento da literatura em Angola [cf. Ervedosa 1979]. Além de publicar

Espontaneidades da Minha Alma, livro que ele dedicava a todas as mulheres africanas, Carlos Ervedosa [1979: 19] considera que José da Silva Maia Ferreira terá deixado vasta colaboração no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*¹, que terá sido naquela altura a publicação periódica mais lida e espalhada entre os portugueses, seus descendentes e nativos letrados das colónias, pelo mundo fora.

- 3 Segundo Francisco Soares [2000: 132], José da Silva Maia Ferreira constitui um dos fenómenos típicos de assimilação cultural do século XIX. Filho de comerciantes “angolanos” ligados ao negócio de escravos, Maia Ferreira teria recebido influências da sociedade brasileira onde viveu alguns anos até 1845, altura em que regressou para Angola. Da vasta leitura que fazia, figuravam sobretudo obras de origem brasileira e portuguesa. Assim, ao contribuir para a formação da literatura em Angola, fê-lo trazendo consigo elementos tanto da literatura portuguesa como da brasileira.
- 4 O *Almanach de Lembranças* foi um dos principais meios de difusão dos novos escritores das colónias portuguesas em África, que era acessível tanto àqueles que se dedicavam exclusivamente à literatura, como aos amadores e principiantes em literatura. Trazia informações úteis, mas que continham entre as mesmas trechos de leitura amena. No *Almanach de Lembranças* combinava-se “a poesia com tabelas de navegação e comboios, as charadas e as anedotas com fases da lua e o registo dos magistrados de ambos os reinos, Portugal e o Brasil” [Moser 1993: 17].
- 5 O *Almanach de Lembranças* constitui uma publicação de valor inestimável para a história da literatura em Angola, uma vez que era a única obra, editada fora de Angola, que reuniu um elevado número de colaboradores “angolanos”. Esta publicação preparou o advento das literaturas autónomas nas colónias portuguesas em África, nomeadamente da literatura angolana.
- 6 Segundo Gerald Moser [1993: 18], a maioria dos africanos que colaboravam nesta revista pertencia à burguesia. Essa colaboração demonstrava o quanto eles estavam interessados e envolvidos com a literatura, demonstrava ainda quanto eles gostavam de ler e de escrever textos literários. Para esses indivíduos, a literatura não era apenas uma forma de criticarem e se oporem ao regime colonial, era também uma forma de expressarem as suas ideias, os seus sentimentos e as suas aspirações.
- 7 Além de José da Silva Maia Ferreira, que terá começado a colaborar no *Almanach* em 1879², outros escritores “angolanos” colaboraram no mesmo³. Entre esses destaca-se o nome de Joaquim Dias Cordeiro da Matta, um pioneiro da literatura em Angola que viu muitas das suas obras ali impressas desde 1879 [Ervedosa 1979, Moser 1993]. Joaquim Dias Cordeiro da Matta foi poeta, novelista, pedagogo, estudioso da língua nacional kimbundu e etnógrafo. Segundo Carlos Ervedosa [1979: 31, 32], Cordeiro da Matta era também historiador, pois publicou folhetins sobre a História de Angola num periódico daquela época. Foi ainda cronista e romancista. São da autoria de Joaquim Dias Cordeiro da Matta o livro *Philosophia Popular em Provérbios Angolenses* e o *Ensaio de Dicionário Português-Kumbundu*. É certamente um dos grandes impulsionadores do processo de formação da literatura angolana.

Literatura e imprensa

- 8 Em Angola, a literatura esteve estreitamente ligada à imprensa; logo, não se pode falar de literatura sem se falar também da imprensa e vice-versa. Estas (literatura e a imprensa)

caminharam juntas até ao século XX. Pedro Alexandrino da Cunha é considerado o fundador da imprensa em Angola, pois sete dias depois da sua tomada de posse no cargo de Governador-geral da província de Angola (6 de Setembro de 1845), mandou imprimir o primeiro número do *Boletim Oficial*, no quadro da aplicação do Decreto de 7 de Dezembro de 1836, que era considerado a Carta Orgânica para as Colónias Portuguesas em África. O *Boletim Oficial* desempenhava as funções de um jornal rudimentar e a sua publicação marcou o ponto de partida para o desenvolvimento do jornalismo em Angola. Segundo Pepetela, foi também o primeiro difusor da literatura que se fazia, sobretudo em Luanda e Benguela. Nesse jornal, publicavam-se “reportagens e anúncios, artigos e estudos tratando da política colonial ou religiosa, da economia da colónia, descrições das viagens dos exploradores e textos em prosa e verso, mais propriamente literários” [Pepetela 2010: 207].

- 9 Segundo Júlio de Castro Lopo, podem considerar-se três períodos distintos do jornalismo de Angola. O primeiro período começou a 13 de Setembro de 1845, com a publicação do primeiro número do *Boletim Oficial*. O segundo período teve início com o aparecimento da revista *A Civilização da África Portuguesa* (a 6 de Dezembro de 1866) e o terceiro período teve início a 16 de Agosto de 1923, com o início da edição do diário *A Província de Angola*, por Adolfo Pina [Lopo 1964: 19-20].
- 10 No último quartel do século XIX, surgiram em Angola uma série de periódicos, como *A Aurora* (1855), *A Civilização da África Portuguesa* (1866), *O Comércio de Loanda* (1873), *O Mercantil* (1870), *O Cruzeiro do Sul* (1873). Com pouco tempo de duração, nalguns destes jornais colaboraram tanto africanos como europeus até ao final do século. Entre os europeus, destaca-se a figura de Alfredo Troni, que residiu em Luanda durante muito tempo, onde fundou e dirigiu os periódicos *Jornal de Loanda* (em 1878), *O Mukuarimi*⁴ (talvez em 1888) e os *Concelhos do Leste* (em 1891). Publicou ainda várias obras literárias, merecendo destaque *Nga Muturi* (senhora viúva) em 1882. Veio a falecer em Luanda em 1904.
- 11 Segundo Manuel Ferreira, Alfredo Troni foi o precursor da narrativa angolana no século XIX. A ele seguiram-se no século XX, Assis Júnior na década de 1930 e, anos mais tarde, Castro Soromenho.
- 12 Entre os periódicos⁵ acima citados, destaca-se *A civilização da África Portuguesa*, um semanário fundado por Urbano de Castro e Alfredo Mântua (dois dos fundadores do jornalismo em Angola) e pelo brasileiro Francisco Pereira Dutra. Este semanário tratava de assuntos administrativos, económicos, agrícolas, mercantis e industriais das colónias portuguesas em África, especialmente de Angola e São Tomé. Durante nove anos, este semanário foi um acérrimo defensor dos interesses económicos e administrativos da colónia, lutando contra a escravatura e os abusos dos governadores.
- 13 Nos finais do século XIX começaram a surgir os primeiros periódicos de africanos em Angola. Entre esses periódicos, temos: *O Echo de Angola*, fundado em 1881, que abriu caminho para o despertar de novos órgãos da então imprensa africana. A este jornal seguiram-se, entre outros, *Futuro de Angola* (1882); *O Pharol do Povo* (1883); *O Arauto Africano* (1889); *Muen'exi* (1889); *O Desastre* (1889) e *O Polícia Africano* (1890). Estes periódicos podiam incluir textos em kimbundu, talvez para facilitar o acesso à leitura do mesmo a pessoas de várias camadas sociais e tratavam entre outros temas a linguística, história e etnografia angolana.

- 14 Foi através dessa imprensa que muitos jornalistas ‘angolenses’ desenvolveram as suas aptidões, contribuindo com artigos para a vida intelectual de então. Estes indivíduos encontravam-se fortemente influenciados pelas ideias liberais provenientes da Europa, que criticavam todos os aspectos coloniais que ferissem os princípios de justiça e a corrupção⁶. Entre os indivíduos que se destacaram na chamada imprensa africana, temos nomes como Matoso da Câmara, Arantes Braga, Pedro Félix Machado, Cordeiro da Matta, Sales Almeida e Fontes Pereira, que pertenciam à primeira “elite angolense”, que surgiu para as letras no último quartel do século XIX, também conhecida como a “Geração de 1880” [cf. Ervedosa 1979].
- 15 Muitos jornalistas daquela época desenvolviam outras actividades como o comércio e desempenhavam cargos na função pública, mas o jornalismo florescente constituía o primeiro veículo para a expressão das suas aptidões literárias. A imprensa contribuiu para a divulgação das obras literárias escritas durante os finais do século XIX e princípios do século XX.
- 16 O jornalismo “angolano” do último quartel do século XIX foi muito activo e brilhante. Os jornais publicados na época, apesar serem irregularmente publicados, de terem curta existência e de viverem apenas da dedicação e do entusiasmo de equipas amadoras, agitavam as cidades e vilas. A criação e o desenvolvimento de uma elite africana ou crioula⁷, nos finais do século XIX, foi um dos factores que esteve na base da evolução do jornalismo em Angola. O incremento da colonização europeia e o desenvolvimento do comércio interno e externo são factores que também contribuíram para a evolução do jornalismo. Segundo Henrique Abranches [1981: 53], “somente no século XIX, em plena expansão imperialista, surge um produto cultural híbrido, incompletamente sintetizado, de uma camada de pequena-burguesia angolana intelectual que gostava de se exprimir às vezes nas línguas nacionais, que se interessava pela riqueza cultural do povo de que derivara”. Certamente que entre finais do século XIX e princípios do século XX, Angola caminhava lentamente para a formação de uma literatura essencialmente africana, pois nessa época, esse grupo de intelectuais que se auto-denominava “filhos de Angola” produziu uma vasta obra literária que lançava já as sementes para a formação da literatura que exprimissem efectivamente as ideias, a cultura e a maneira de estar dos “angolanos”.
- 17 Com a publicação do semanário *Independente*, nos princípios do século XX, deram-se os primeiros passos no sentido da profissionalização do jornalismo em Angola. Com um jornalismo de carácter combativo e republicano, este semanário vibrava com o ardor da juventude que nele escrevia. Porém, o jornalismo profissional surgiria anos mais tarde, em 1923, ano em que Adolfo Pina fundou o semanário *A Província de Angola*. Este jornal destacou-se pela grande publicação (de princípio) de páginas literárias dominicais. Mais tarde, criou o “Suplemento de Domingo”, onde se revelaram vários artistas plásticos e escritores [Ervedosa 1979: 19-20]. Apesar de continuar ligada à imprensa, no século XX a literatura ganhou uma certa autonomia, devido à imprensa privada. Neste período, ela começou a impor-se e a conquistar o seu próprio espaço.
- 18 O processo de evolução da literatura foi acompanhado pelo surgimento de gerações de indivíduos que se dedicavam tanto ao jornalismo como à literatura. Nos primeiros anos de 1900, nasceu para as letras uma geração denominada “Geração de 1900”, onde se destacam indivíduos como Francisco Ribeiro Castelbranco, António de Assis Júnior e Pedro da Paixão Franco, que deram sequência ao trabalho desenvolvido pela geração anterior. Neste período podemos citar como destaque a obra de António de Assis Júnior *O*

Segredo da Morta, que retrata os costumes angolanos de então e retrata a sociedade africana dos finais do século XIX.

- 19 Nas décadas de 1920 e 1930 verificou-se um período ‘afónico’ da literatura, devido à repressão da imprensa por Norton de Matos em 1921, à evolução do regime colonial em Angola e à implantação da ditadura salazarista em Portugal⁸. Esta afonia foi rompida apenas na década de 1940, com as obras literárias de autores como: Castro Soromenho, Lília da Fonseca e Geraldo Bessa Vítor. Neste período iniciou-se novamente a elaboração da literatura angolana, tendo em conta toda a herança deixada pelos intelectuais de épocas anteriores.

“Descoberta” dos valores culturais angolanos

- 20 A literatura angolana foi surgindo paulatinamente, tendo em conta as mudanças sociais ocorridas na colónia de Angola, a uma certa tomada de consciência por parte dos africanos acerca da sua própria identidade. Essa literatura africana foi resultado de um longo processo. Os novos contornos que adquiriu distinguiam-na da literatura que se fazia no século XIX, considerada europeia⁹.
- 21 À medida que o processo de colonização se foi intensificando em Angola, também foi crescendo o processo de marginalização social e económica dos angolanos¹⁰. Começou também a verificar-se o aumento paulatino do descontentamento de uma certa camada social face à colonização. É nesse contexto que surge a necessidade de se criar uma literatura que se diferenciase da literatura portuguesa, ou seja, que se distanciasse de tudo o que estivesse relacionado ao opressor. Foi assim que, nos finais da década de 1940, os poetas angolanos sentiram a necessidade de criar uma nova literatura que iria abrir os caminhos para uma literatura tipicamente angolana. Segundo Ana Paula Tavares [1999], a esta tomada de “posição iconoclasta” serve de esteio o modelo (literário) brasileiro.
- 22 Em 1948 surge o slogan “Vamos Descobrir Angola”, que dá início ao novo movimento intelectual literário da década de 1950. Na base deste movimento literário estava a criação de instituições de carácter cultural que surgiram na década de 1940. Deste movimento de novos intelectuais de Angola, faziam parte jovens negros, brancos e mestiços, que se propuseram começar a trabalhar no sentido de se criar uma literatura angolana. Este movimento começou a ser identificado nas novas obras dos poetas angolanos durante as décadas de 1950 e 1960. Segundo Mário Pinto de Andrade, este movimento “incitava os jovens a descobrir Angola em todas os aspectos através de um trabalho colectivo e organizado; exortava a produzir-se para o povo; solicitava o estudo das modernas correntes culturais estrangeiras, mas com o fim de repensar e nacionalizar as suas criações positivas válidas; exigia a expressão dos interesses populares e da autêntica natureza africana, mas sem que se fizesse nenhuma concessão à sede de exotismo colonialista. Tudo deveria basear-se no senso estético, na inteligência, na vontade e na razão africanas” [apud Ervedosa 1979: 102].
- 23 Enquanto este grupo de jovens estudava o mundo que os rodeava, começava a germinar uma literatura que seria a expressão da maneira de sentir, o veículo das suas aspirações – por outras palavras, germinava nesta literatura o mundo de que faziam parte e que tão mal lhes havia sido ensinado. Nascia uma literatura de combate pelo povo que durante anos esteve ligada à guerrilha. Desenvolvia-se em Angola um fenómeno literário que era

activado por um grupo de jovens cultos e de grande talento, que faziam da literatura uma das suas principais armas de combate ao regime colonial.

- 24 A origem da literatura angolana está de certa forma ligada ao urbanismo [cf. Tavares 1999, Trigo 1985] e às transformações sociais que a colónia de Angola sofreu. Estas transformações, associadas a uma nova filosofia de vida, bem como ao despertar de consciência africana após a II Guerra Mundial, estavam na base do aparecimento, nas principais cidades da colónia, de instituições de carácter mais ou menos associativo¹¹, operativas desde o princípio dos anos 1940 e que possuem os seus próprios órgãos de imprensa, reservando margens de liberdade para dar espaço à “questão angolana” que entretanto ia sendo formulada de uma maneira ou de outra [Tavares 1999]. Entre essas instituições temos a Sociedade Cultural de Angola, que surgiu em 1942 e publicava a revista *Cultura* e a Associação do Naturais de Angola, que em 1951 publicou a revista *Mensagem – A Voz dos Naturais de Angola*. Esta última pretendia ser o veículo da mensagem literária e ideológica dos membros dessa associação. Colaboraram nessa revista, dentre outros, “os poetas Agostinho Neto, Aires de Almeida Santos, Alda Lara, Alexandre Dáskalos, António Jacinto, Maurício de Almeida Gomes, Tomás Jorge, Viriato da Cruz” [Jacinto 1977: 7].
- 25 Durante a década de 1950, a literatura angolana “aparece com características de clandestinidade” [Jacinto 1977: 8]. Nessa época, as obras literárias expressavam o desejo de liberdade, os maus-tratos, o sofrimento e a discriminação sofrida no período colonial¹². Contudo, também incentivavam os africanos a lutar contra o regime colonial.
- 26 A repressão sofrida, de certa forma, refreou o desenvolvimento da literatura angolana. Mas mesmo nas prisões, na clandestinidade e durante o período da luta armada de libertação, os intelectuais angolanos continuaram a produzir obras que caracterizam bem aquela época e contribuíram para o surgimento da literatura angolana. Segundo António Jacinto [1977: 8], “os que combatem, escrevem no intervalo da luta, cheios de esperança no futuro de Angola”. Os “poetas guerrilheiros”, como lhes chama António Jacinto [1977: 9], dedicavam-se tanto à luta armada como à produção de obras literárias. Foi dessa forma que foram escritas muitas obras literárias na década de 1960. Esta poesia de guerrilha apelava ao povo angolano a lutar com a certeza da liberdade.
- 27 Na década de 1970 surgiu a “Geração Silenciada”, que continuou a enfrentar dificuldades de liberdade de expressão como em épocas anteriores. Esta geração usava “uma linguagem hiperbólica, aparentemente hermética, mas que contesta e denuncia todo o sistema colonialista. É uma poesia consciente, mais significativa que significativa” [Jacinto 1977: 9]. A esta geração seguiu-se a “Geração das Incertezas” na década de 1980, que foi caracterizada por dúvidas em relação ao futuro, numa época em que as aspirações de liberdade das décadas de 1960 e 1970 tinham sido alcançadas.

Influência brasileira na literatura angolana

- 28 Nos anos 1950 e 1960, os poetas angolanos passaram por um processo de crescimento e amadurecimento literário. Como já foi referenciado anteriormente, nessa época começam a perder a influência da literatura europeia, ao mesmo tempo que passaram a ser mais influenciados pela arte e letras brasileiras. Segundo Arlindo Barbeitos, “a literatura brasileira desempenhou um papel importante na recusa da cultura portuguesa, na medida que o Brasil sempre representou uma referência importante para os angolanos de certa

camada social” [Laban 1991: 604]. As publicações brasileiras vinham normalmente do Brasil para Angola e muitos angolanos preferiam a literatura brasileira à literatura portuguesa, como era o caso de Arlindo Barbeitos, Mário Pinto de Andrade, Mário António, entre outros.

- 29 Esse novo grupo de intelectuais angolanos tinha plena consciência do movimento modernista literário e do regionalismo nordestino brasileiro, sendo influenciado por estes dois grupos. O movimento de intelectuais angolanos da década de 1950 e 1960 foi essencialmente um movimento de poetas virados para o seu povo. Neste movimento destacam-se indivíduos como António Jacinto, Viriato da Cruz, Agostinho Neto, Luandino Vieira, Mário António, entre outros, que abriram novos rumos para a literatura angolana. Os seus poemas e contos espelhavam temas como “a música, a dança e o quotidiano em mudança” [Tavares 1999].
- 30 No que diz respeito à literatura brasileira, nas décadas de 1920 e 1930 tem lugar no Brasil uma revolução literária com o surgimento do modernismo literário. Regista-se neste período a separação entre o regionalismo nordestino e o modernismo brasileiro. É nestes dois movimentos que a literatura brasileira encontra o caminho para a sua autonomia temática. O modernismo brasileiro era um movimento literário que, além de contribuir para a modernização da literatura brasileira, também contribuiu para acentuar o sentimento nacionalista brasileiro, uma vez que proporcionava a ruptura com a tradição cultural e literária portuguesa¹³. Já o regionalismo nordestino consistia num movimento literário desta região do Brasil, cujo principal objectivo era abordar os aspectos sociais da sua região, a sua identidade cultural e “imaginavam” uma sociedade onde a mistura racial seria comum [Ervedosa 1979: 105, Venâncio 1998].
- 31 A influência brasileira começou a chegar a Angola através de livros vindos daquele país, nas décadas de 1930 e 1940. Mesmo a maior parte dos livros que eram lidos em Angola tinham tradução brasileira. Nas suas entrevistas a Michel Laban, alguns escritores angolanos como Mário António, Mário Pinto de Andrade, Arlindo Barbeitos e Óscar Ribas [cf. Laban 1991] confirmam o facto de ter havido uma grande influência da literatura brasileira em Angola, citando como exemplo os seus casos pessoais. Devido à literatura brasileira, os angolanos alargaram as suas leituras. Os livros que liam eram dos mesmos escritores: Jorge Amado, José Lins Rego, Graciliano Ramos, que são todos grandes escritores brasileiros realistas e o neo-realistas [Laban 1997: 77]. Numa altura de recusa da influência europeia na literatura de Angola, ao lerem a literatura brasileira sentiam-na mais próxima de si do que sentiam em relação à literatura portuguesa¹⁴.
- 32 A influência brasileira (literária e artística em geral) que Angola recebeu do Brasil é substancialmente visível na música urbana que se fez em Angola durante as décadas de 1950 e 1960. A fascinação que certos angolanos sentiam pelo Brasil era enorme, ao ponto de que quando ouvissem música brasileira sentiam-na como sua. Segundo Costa Andrade, isto deve-se ao facto da música angolana ter influenciado a música brasileira, por intermédio dos escravos que haviam sido enviados para o Brasil nos séculos passados. Então, quando se fazia o retorno musical, os angolanos sentiam a música brasileira como algo familiar, como algo que lhes pertencesse [Andrade 1980: 26]. Em reforço dessa ideia de Costa Andrade, podemos citar Mário Pinto de Andrade, que diz o seguinte: “o imaginário do Brasil e da América do Norte, da América negra marcou esta geração. A presença dos negros americanos, que não era muito grande na época no cinema em geral, notava-se na dança, no jazz. E depois havia a recriação da música brasileira. Estávamos próximos da música brasileira, porque aí encontrávamos as nossas raízes, que eram

reelaboradas. Assimila-se uma música que era nossa, finalmente” [Laban 1997: 31]. Mário Pinto de Andrade, acrescenta ainda: “Recordo-me de meu pai vestir os seus melhores fatos para ir às festas da Liga Nacional Africana. Havia as festas artísticas quando os filhos (a minha irmã, por exemplo) faziam um número artístico – o de Carmen Miranda, por exemplo: você vê, a influência do Brasil... A minha irmã fez a representação de Carmen Miranda, com as plumas todas e a canção...” [Laban 1997: 43]. Podemos citar ainda como exemplo o poema de Mário António “Poema da Farra” (ou “Canto de Farra”), escrito em 1952¹⁵:

“Quando li Jubiabá

Me cri António Balduino

Meu primo, que nunca o leu,

Ficou Zeca Camarão.

Eh, Zeca!...”

- 33 Este poema de Mário António constitui um dos exemplos de como a literatura brasileira influenciou a formação da literatura angolana. A linguagem utilizada neste poema era entendida pelos angolanos da época, que recebiam influências do Brasil. Mais tarde, este poema foi composto em música e interpretado e difundido pelo compositor e cantor angolano Rui Mingas.
- 34 O processo de consciencialização literária e cultural em Angola ocorreu nos anos 1940 e princípios de 1950. Este processo, iniciado em Luanda, foi protagonizado por intelectuais angolanos da chamada “Geração de 50”, cujas obras demonstravam o carácter modernista que se começava a criar na literatura angolana. Estas obras literárias foram espelhadas nas revistas angolanas *Cultura* e *Mensagem*, que marcaram o início de uma nova fase literária. Com o surgimento da “Geração de 50”, podemos falar de uma literatura essencialmente angolana, marcada sobretudo, pela influência literária do nordeste brasileiro. Este grupo composto por indivíduos negros, mestiços e brancos, que além de se identificarem de certa forma com o nordeste brasileiro, sentiram a mesma angústia dos intelectuais nordestinos e viram espelhada na experiência nordestina a sua experiência [cf. Venâncio 1998].
- 35 A geração da década de 1950 também recebeu influências de escritores brasileiros pertencentes ao movimento modernista brasileiro, do neo-realismo português e de Cabo Verde. Os escritores cabo-verdianos foram mais influenciados pelo regionalismo nordestino do que os escritores angolanos [cf. Castelo 1998: 83, Venâncio 1998]. Alguns escritores cabo-verdianos que pertenciam ao movimento cultural e literário da *Claridade* tiveram um percurso literário semelhante ao dos escritores brasileiros, sobretudo da região nordeste. Este movimento cultural e literário de Cabo Verde, à semelhança do dos escritores nordestinos, tinha como principais objectivos produzir uma literatura que abordasse os problemas que retratassem a realidade social vigente na sua sociedade. A tomada de consciência literária e cultural cabo-verdiana data da década de 1930, com o lançamento da revista do movimento literário intitulada *Claridade* e do livro de poemas de Jorge Barbosa intitulado *Arquipélago*, em 1935.
- 36 A literatura cabo-verdiana (por se ter desenvolvido primeiro e por ter recebido também fortes influências do nordeste brasileiro) influenciou de certa forma a formação da literatura angolana. Exemplo disso é a palestra proferida nos finais de 1940 (período em

que começou a vigorar o slogan “Vamos Descobrir Angola”) pelo escritor cabo-verdiano Filinto Elísio de Menezes¹⁶, pertencente à geração “Certeza”¹⁷, na Sociedade Cultural de Angola, onde falava da necessidade de se denunciar a inexistência de uma “verdadeira crítica literária” que peneirasse a literatura de louvor e de ocasião, da nova literatura que começava a nascer e que iria verdadeiramente rasgar os caminhos para uma literatura verdadeiramente angolana. Entre os escritores angolanos que além de terem sido influenciados pelos escritores brasileiros, também foram influenciados por escritores cabo-verdianos, temos Maurício Gomes [cf. Laban 1991: 148].

- 37 Na década de 1960 houve uma abertura no Brasil para autores angolanos ligados aos movimentos de libertação angolanos e para outros indivíduos que eram contra o regime colonial que não podiam editar em Angola obras contra o regime colonial. Temos o caso de dois escritores angolanos ligados ao MPLA: Costa Andrade, que edita em 1963 em São Paulo a obra *Tempo Angolano em Itália*, e Manuel dos Santos Lima que edita o seu primeiro romance intitulado *As Sementes da Liberdade*, no Rio de Janeiro em 1965.
- 38 Castro Soromenho, um anti-salazarista e anticolonialista, não esteve ligado directamente aos movimentos de libertação de Angola, mas tornou-se um nome importante da literatura angolana. Algumas das suas obras, que criticavam o sistema colonial português, também foram publicadas no Brasil. São os casos de *Terra Morta* (Rio de Janeiro, 1949), *Viragem* (São Paulo, 1969) e *A Chaga* (Rio de Janeiro, 1970). É preciso acrescentar que Castro Soromenho viveu exilado no Brasil entre finais de 1965 e 1968, data da sua morte¹⁸.
- 39 À guisa de conclusão, podemos dizer que a literatura criada nas décadas de 1950 e 1960 em Angola acompanhou mais ou menos a trajectória política de alguns intelectuais angolanos, durante o período colonial. Portanto, uma boa parte da geração de escritores angolanos daquela época lia regularmente autores brasileiros, não só pelo facto de se identificarem mais com a literatura brasileira, mas de certa forma, também por contraposição à influência literária europeia. Essa geração lia praticamente os mesmos livros e conhece escritores brasileiros como Jorge Amado, José Lins Rego, Graciliano Ramos, Drummond de Andrade, Castro Alves, Érico Veríssimo, entre outros.
- 40 Podemos dizer que o processo de formação da literatura angolana foi longo e surgiu em contraposição à literatura de influência europeia que se verificou em períodos anteriores. A literatura angolana surgiu num período marcado, sobretudo, por contestações políticas; pelo despertar da consciência dos africanos e pela luta pela independência das colónias africanas. Todos esses factores de certa forma contribuíram para aprimorar as características da literatura angolana, apesar da influência brasileira. Essa influência brasileira foi mais notória num determinado período da literatura angolana, quando os angolanos necessitavam de descobrir as suas origens e ir à busca dos valores culturais africanos, com vista à negação da influência literária portuguesa. Nessa época, o Brasil aparece como um país “irmão”, cuja influência cultural sobre muitos angolanos já se fazia sentir desde épocas anteriores.
- 41 A partir da década de 1980, quando a literatura angolana começou a sofrer transformações devido ao novo contexto político e social que se vivia em Angola, essa influência terá diminuído. Contudo, ela continua registada na memória dos angolanos que se deixaram influenciar por ela nas décadas de 1950 e 1960 e nas suas obras literárias que ainda hoje são tidas como referência para o estudo da formação da literatura angolana.

BIBLIOGRAPHY

- ABRANCHES, Henrique, 1981: "Comunicação apresentada na VI conferência dos Escritores Afro-Asiáticos", in *Documentos da VI Conferência de Escritores Afro-Asiáticos- Teses Angolanas*, vol. I, Lisboa: Edições 70.
- ANDRADE, Costa, 1980: *Literatura Angolana (opiniões)*, Lisboa + Luanda: Edições 70 e União dos Escritores Angolanos.
- CARVALHO, Paulo de, 2011: "Angola: Estrutura social da sociedade colonial", *Revista Angolana de Sociologia*, nº 7, pp. 57-69.
- CASTELO, Cláudia, 1998: «O Modo Português de Estar no Mundo» *O Lusotropicalismo e a Ideologia Colonial Portuguesa (1933-1961)*, Porto: Edições Afrontamento.
- CUNHA, Anabela Francisca do Nascimento, 2000: *Relações entre Angola e o Brasil no século XX (1900-1975)*, Luanda: Instituto Superior de Ciências da Educação (dissertação de Licenciatura em Ciências da Educação).
- DIAS, Jill, 1984: "Uma questão de identidade: Respostas intelectuais às transformações económicas no seio da elite crioula da Angola portuguesa entre 1870 e 1930", *Revista Internacional de Estudos africanos*, nº 1, pp. 61-94.
- ERVEDOSA, Carlos, 1979: *Roteiro da Literatura Angolana*, 2ª edição, Luanda: União dos Escritores Angolanos.
- FERREIRA, Manuel, 1985: "A libertação do espaço agredido através da linguagem", *A Cidade e a Infância*, 3ª edição, Luanda: União dos Escritores Angolanos, pp. 9-47.
- JACINTO, António, 1977: *Poesia de Angola*. Luanda: Nova Editorial Angolana.
- LABAN, Michel, 1991: *Angola. Encontro com Escritores*, Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2 vol.
- LABAN, Michel, 1997: *Mário Pinto de Andrade. Uma Entrevista*, Lisboa: Edições João de Sá Costa.
- LOPO, Júlio Castro, 1952: *Para a História do Jornalismo em Angola*, Luanda: Museu de Angola.
- LOPO, Júlio Castro, 1964: *Jornalismo de Angola. Subsídios para a sua História*, Luanda: C.I.T.A.
- MELLO, A. Borges de, 1992: *A Influência do Brasil em Angola*, Rio de Janeiro: Muntinder Empreendimentos.
- MOSER, Gerald M., 1993: *Almanach de Lembranças 1854-1932. Textos africanos seleccionados*, Lisboa: ALAC.
- MOURÃO, Fernando A. Albuquerque, 1978: *A Sociedade angolana através da literatura*, São Paulo: Ática.
- NEVES, João Alves das, 1992: *As Relações Literárias de Portugal com o Brasil*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- OLIVEIRA, Mário António de, 1997: *A Formação da Literatura Angolana (1855-1950)*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

- OLIVEIRA, Mário António de, 1990: *Reler África*, Coimbra: Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.
- PEPETELA, Artur Pestana, 2010: “Sobre a génese da literatura angolana”, *Revista Angolana de Sociologia*, nº 5/6, pp. 207-215.
- ROCHA, Edmundo, 2003: *Angola: Contribuição ao estudo da génese do nacionalismo moderno angolano (período de 1950-1964)*. Testemunho e estudo documental, Lisboa: edição do autor.
- RODRIGUES, Eugénia, 2003: *A geração silenciada. A Liga Nacional Africana e a representação do branco e Angola na década de 30*, Porto: Edições Afrontamento.
- SILVA, Rosa Cruz e (org.), 1993: *Os Periódicos como Fonte de Pesquisa Histórica. A imprensa escrita de Angola no séc. XIX*, Luanda: Ministério da Cultura
- SOARES, Francisco, 2000: “Um percurso luso-tropical: migração e bibliografia entre Luanda e Recife/Olinda no princípio do séc. XIX”, in Moreira e Venâncio (org.) *Luso-Tropicalismo. Uma teoria social em questão*, Lisboa: Vega, pp. 129-142.
- SOARES, Francisco, 2001: *Notícia da Literatura Angolana*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- TAVARES, Ana Paula, 1999: “Cinquenta Anos de Literatura Angolana”, *Via Atlântica*, nº 3, pp. 124-130.
- TRIGO, Salvato, 1985: *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa: Um fenómeno do urbanismo*, Paris: Foundation Calouste Gulbenkian & Centre Culturel Portugais.
- VENÂNCIO, José Carlos, 1992: *Literatura e poder na África Lusófona*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- VENÂNCIO, José Carlos, 1998: “The region as a reference for artistic creativity: the importance of regional identity for the distinctive attributes of the lusophone literatures”, *Comparative Social Research*, vol. 17, pp. 177-197.

NOTES

1. O *Almanach de Lembranças* foi fundado em 1850, em Lisboa, e a sua publicação estendeu-se até à década de 1930.
2. A respeito do poema “Amor e Loucura”, da autoria de José da Silva Maia Ferreira, publicado no *Almanach de Lembranças* em 1879, Francisco Soares [2001: 58-59] diz tratar-se de plágio, remetido por outra pessoa à revista.
3. O primeiro poema de um “angolano” publicado no *Almanach de Lembranças* data de 1857 e é de autoria de um “anónimo benguelense” [Ervedosa 1979: 32, Moser 1993: 18].
4. Em kimbundu, mukuarimi quer dizer lingüareiro, maldizente.
5. Para um estudo mais aprofundados acerca dos periódicos do século XIX, ver por exemplo: Silva 1993, Lopo 1952 e 1964.
6. Referência à corrupção durante a administração colonial. Ver, por exemplo, Barrabas 1995.
7. Sobre a elite crioula, ver por exemplo Dias 1984.
8. Norton de Matos dissolveu a Liga Africana e suspendeu a publicação do jornal *O Angolense*, em 21 de Fevereiro de 1922. Ver, por exemplo, Rodrigues 2003.
9. Sobre a origem da literatura em angolana, ver Pepetela 2010, Tavares 1999, Laban 1991 e 1997, Venâncio 1992, Trigo 1985, Ervesosa 1979.
10. Acerca da estrutura social da sociedade colonial angolana, ver Carvalho 2011.
11. Sobre o associativismo nessa época, ver por exemplo Rocha 2003, Rodrigues 2003.

12. Data dessa época, por exemplo, a obra literária *Estórias de Contratados*, de Costa Andrade.
 13. Sobre a influência da literatura portuguesa na literatura brasileira, ver por exemplo Neves 1992.
 14. Angola e o Brasil tinham desde há vários séculos grande proximidade, devido ao tráfico de escravos e às trocas comerciais. Entre esses dois territórios havia até meados do século XIX uma relação de interdependência. Ver Cunha 2000, Mello 1992.
 15. Publicado primeiro em 1962, em *Chingufo: poemas angolanos*, Lisboa, Agência do Ultramar e no ano seguinte em *100 Poemas*, ABC. Citado por Venâncio 1998: 186.
 16. Separata da Revista *Cultura*, Luanda, 1949, citado por Tavares 1999: 126.
 17. Movimento cultural e literário cabo-verdiano, que se pretendeu sucessor do Movimento da “Claridade”.
 18. Acerca da edição de obras destes três escritores no Brasil, ver Mourão 1978: 130, 132, 134.
-

ABSTRACTS

A literatura angolana surgiu nos finais da primeira metade do século XX quando um grupo de intelectuais decidiu rejeitar a influência europeia e ir à busca dos elementos culturais africanos que servissem de base para essa nova literatura. Numa época em se intensificava o regime colonial português em Angola, um grupo de jovens lançou-se ao desafio de “descobrir Angola”. Essa tomada de consciência por parte dos africanos acerca da sua própria identidade, originou um novo movimento intelectual literário que teve como modelo a literatura brasileira. Sendo uma literatura de contestação feita na clandestinidade e na guerrilha, as obras literárias expressavam o desejo de liberdade, denunciavam os maus-tratos sofridos e a discriminação, incentivando os africanos a lutarem contra o regime colonial.

The Angolan literature emerged in the late first half of the twentieth century, when a group of intellectuals decided to reject the European influence and to search the African cultural elements to the basis of this new literature. At that time, the Portuguese colonial regime in Angola used to intensify its action, and a group of young Angolan persons decided “to discover Angola”. The consciousness of their own identity resulted in a new intellectual movement modelled on Brazilian literature. It was an oppositional literature produced in the underground and guerrilla, that expressed the desire of freedom, denounced the mistreatment and discrimination, and encouraged Angolans to fight against the colonial regime.

INDEX

Keywords: Literature, Brazilian influence, colonization, literary movement.

Palavras-chave: Literatura, influência brasileira, colonização, movimento literário.

AUTHOR

ANABELA CUNHA

Historiadora. Mestre em História de África pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e licenciada em Ensino da História pelo ISCED de Luanda. É Professora Auxiliar no Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED) de Luanda. As suas áreas de investigação são as relações entre Angola e o Brasil, o “Processo dos 50” e o degredo. Na Revista Angolana de Sociologia, publicou os artigos intitulados “O degredo para Angola na segunda metade do século XIX” (nº 2, 2008) e “Exclusão e mobilidade social entre os degredados na Angola do século XIX” (nº 5-6, de 2010).

zebelecunha@hotmail.com